

Mapeando redes: jovens, territórios digitais e de moradia

Mapping the nets: youngsters, digital and residence territories

Mapeando redes: jóvenes, territorios digitales e habitacionales

Juliana Batista dos Reis
Universidade Federal de Minas Gerais
jubtr@yahoo.com.br

Resumo

O texto apresenta reflexões sobre experiências juvenis em um território urbano periférico, o Aglomerado da Serra, na cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais. As reflexões são fruto de uma etnografia desenvolvida com jovens no território de moradia e no ciberespaço. A pesquisa em redes sociais digitais revelou que o espaço urbano, as cidades, os bairros e ruas estão não apenas digitalizados, mas marcam a socialização online juvenil. As postagens de jovens expressaram interfaces entre a cidade e a web, o ciberespaço mostrou-se como uma dobra da vida urbana. O território de moradia dos jovens escapou a função de referência espacial ou espaço de residência, mas revelou-se como categoria social e simbólica, componente essencial na trama das referências identitárias e nos processos de socialização e individualização juvenis.

Palavras-chave: Juventude; Território; Ciberespaço.

Abstract

The text presents reflections on young people's experience in Aglomerado da Serra, an urban periphery area, in the city of Belo Horizonte/Minas Gerais. Those reflections are the result of an ethnography developed among young people in the territory they live and in cyberspace as well. The research in digital social media revealed that urban places such as cities, neighborhoods and the streets are not only digitized, but also mark online socialization of the youth. Their posts on social media show interfaces between the city and the web and cyberspace was revealed to be a fold of urban life. The place where they live has not only the function of spatial reference or space of residence anymore, but also of a social and symbolic category, an essential component of the plot of their identity references and of their processes of socialization and individualization.

Keywords: Youth; Territory; Cyberspace.

Resumén

El texto presenta reflexiones sobre experiencias juveniles en un territorio urbano periférico, el Aglomerado da Serra, en la ciudad de Belo Horizonte/Minas Gerais. Las reflexiones son el resultado de una etnografía desarrollada con jóvenes en el territorio de residencia y en el ciberespacio. La investigación en redes sociales digitales reveló que el espacio urbano, las ciudades, los barrios y las calles no solo se digitalizan, sino que también marcan la socialización en internet de los jóvenes. Las publicaciones de los jóvenes expresaron interfaces entre la ciudad y la web, el ciberespacio resultó ser un pliegue de la vida urbana. El territorio de origen de los jóvenes escapó a la función de referencia espacial o espacio de residencia, pero se reveló como una categoría social y simbólica, componente esencial en el tejido de referencias identitarias y en los procesos de socialización e individualización de los jóvenes.

Palabras clave: Juventud. Territorio. Ciberespacio.

Introdução

O centro do mundo está em todo lugar.
O mundo é o que se vê de onde se está
Milton Santos



Figura 1: Postagem da página: facebook.com/souaglomeradoserra
Fonte: Captura de tela pela autora

A experiência de morar em um território urbano periférico, marcado por diversas desigualdades, pode ser encarada como a superação de um desafio, um teste, uma prova estrutural (*épreuve* - na obra original em francês), nos termos do sociólogo Danilo Martuccelli (2007). É o próprio autor quem sugere que o espaço urbano pode ser vivenciado como um desafio para os cidadãos. De tal modo, neste texto são apresentadas compreensões sobre essa dimensão fundamental na construção dos/as jovens como sujeitos, a condição de serem moradores/as de um território periférico urbano da cidade

de Belo Horizonte/MG, o Aglomerado da Serra. As reflexões são fruto de uma etnografia desenvolvida com jovens. O território de moradia mostrou-se como um componente essencial na trama das referências identitárias e nos processos de socialização e individualização juvenis.¹

Parto da ideia de que as desigualdades territoriais são “desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos” (ARAÚJO; MARTUCCELLI, 2010, p. 83) que os indivíduos precisam enfrentar para construir seus modos de individualização. Na pesquisa, foi possível perceber que, entre os/as jovens que encontrei, o lugar de residência configurava-se não apenas como referente geográfico ou uma área circunscrita, mas representava um espaço vivido de socialização que era constantemente apropriado e significado. A internet mostrou-se como ambiente ativo e basilar para as expressões e visibilidades desse território afetivo. As narrativas juvenis sobre o Aglomerado evidenciavam o entrelaçamento de fenômenos coletivos e experiências individuais.

Assim, a emblemática afirmação do geógrafo brasileiro Milton Santos e a frase que acompanha a imagem postada no Facebook, que abrem esse texto, se conectam intimamente e anunciam o território como lugar da experiência juvenil. A foto do Aglomerado da Serra é uma de tantas outras imagens postadas em uma página criada para expor o território nessa rede social digital. O apontamento na fotografia parece alertar para a existência de imagens negativas sobre o Aglomerado, principalmente entre aqueles que o desconhecem. Afinal, quem “está lá” experimenta um ponto de vista “de dentro” possibilitado pelas vivências do/no lugar. Perspectiva distante dos estereótipos e/ou julgamentos, que, em alguma medida, estão tão presentes no imaginário social e nos meios de comunicação de massa tradicionais sobre essa região da periferia urbana da capital mineira.

No amplo espaço de convivência da internet, os universos públicos e privados são (re)modelados, permutados, (re)construídos. O ambiente online entendido como esfera pública pode ser percebido como um palco em que múltiplas vivências são encenadas, publicamente expostas e assistidas. Por outro lado, o espaço público urbano, as cidades, os bairros e ruas, estão não apenas digitalizados, mas marcam a socialização online. Adoto a internet como esfera pública. A noção tem em vista, a partir de Castells (2004), a mídia, os lugares socioespaciais de interação pública, o repositório cultural e informacional de ideias que alimentam o debate público. As redes de informação e comunicação, principalmente no ciberespaço, são palco para o encontro entre sujeitos e para as reflexões sobre o urbano como espaço público.

Percebi uma intensa relação entre as territorialidades da cidade e o ciberespaço. Além disso, os processos de individualização e socialização juvenis atrelam densamente a interface cidade e web. O ciberespaço é uma dobra da vida urbana. Muitas vezes, a experiência individual na urbe é narrada singularmente. Meus/minhas interlocutores/as

¹ O artigo é fruto de pesquisa e tese de doutorado. A investigação foi acompanhada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Para preservar o anonimato, o nome dos jovens é fictício.

na pesquisa explicitaram suas vivências e percepções na/da cidade no ciberespaço. Por isso, faz-se necessário discernir, de antemão, que a internet para esses/as jovens não se configura como “não-lugar”, conceituação de Marc Augé para definir espaços que se caracterizam pela ausência de aspectos identitários, históricos e relacionais (1994, p.73).

Como define Manuel Castells, os “espaços de fluxos” das redes digitais redefinem as distâncias, mas não suprimem a geografia. O espaço dos fluxos não é deslocalizado, pois estabelece ligações com configurações territoriais (CASTELLS, 2004, p. 246). Não se trata de uma substituição das cidades de concreto pela cidade digital. Existem, no entanto, reconfigurações densas. A “cidade-ciborgue” evidencia as conexões entre cidade física e eletrônica, o que não significa a desmaterialização ou mesmo uma substituição de esferas (LEMOS, 2004, p. 4). Os/as jovens narraram digitalmente seus passos urbanos, tais enunciações (fotografias, textos, vídeos, mapas etc.) foram tomadas como documentos do imaginário urbano que registravam os dramas da cidade, do que nela se perde e se transforma. (CANCLINI, 2008).

Contudo, por uma pesquisa multissituada, meu percurso na web e na cidade foi guiado pela produção de alguns jovens moradores/as do Aglomerado da Serra. Busco, a partir do ponto de vista juvenil, compreender suas vivências urbanas, representações e narrativas sobre o espaço de moradia. Afinal, desafiada pela assertiva de Michel de Certeau, caminhei por espaços urbanos na internet, rastreando lugares digitais a partir de mapas de jovens que me guiaram por seus “espaços de enunciação” (CERTEAU, 1994) sobre esse território da periferia. Todavia, mais do que refletir sobre as enunciações juvenis procuro apreender o Aglomerado como espaço/processo de socialização e individualização. Assim, duas dimensões do olhar sobre os sujeitos se entrecruzam na articulação entre duas instâncias de socialização – território de moradia e mídias digitais.

Neste texto, apresento o Aglomerado da Serra a partir da dupla experiência, na favela e na web, sempre intermediada por jovens que encontrei no trabalho de campo. O método etnográfico favoreceu o deslocamento entre os trânsitos on e off-line e a mirada da internet como lugar primordial para reflexões sobre as dinâmicas territoriais. Problematizo as representações e discursos sobre a Serra na web e, conseqüentemente, interrogo as relações entre periferias e centros na internet. Portanto, mostrou-se apropriada a aposta na etnografia multiespacializada para a análise do território de moradia como contundente experiência juvenil que se estende no universo online. Assim, além da compreensão de que o Aglomerado da Serra é suporte para a construção subjetiva dos jovens, a internet e algumas plataformas de redes digitais mostraram-se também como relevante suporte para a experiência juvenil de individualização. (MARTUCCELLI, 2007).

Fronteiras da cidade, periferias na rede?

O Aglomerado da Serra pode ser considerado, atualmente, como a maior “favela” ou “aglomerado subnormal” da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do

estado de Minas Gerais². Oito vilas formam o Aglomerado reunindo 38.200 moradores, segundo o Censo 2010 do IBGE. Por isso, na classificação usada pelo Instituto, a Serra é identificada como um complexo que abriga as vilas: Nossa Senhora de Fátima, Marçola, Cafezal, Novo São Lucas, Nossa Senhora de Fátima, Fazendinha, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Aparecida. “Aglomerado subnormal” é a categoria construída pelo IBGE para definir uma diversidade de assentamentos considerados irregulares no país (favelas, invasões, vilas, comunidades, palafitas entre outros). Nos termos do instituto, são “áreas ocupadas irregularmente por certo número de domicílios, caracterizada, em diversos graus, por limitada oferta de serviços urbanos e irregularidade no padrão urbanístico” (IBGE, 2011)³

O Aglomerado da Serra não é uma periferia distante das áreas mais centrais e comerciais de Belo Horizonte. Pelo contrário, localiza-se na região Centro-Sul da cidade, muito próximo a bairros considerados de classe média e mesmo do centro comercial da capital mineira.



Figura 2: Mapa do Aglomerado da Serra

Fonte: Sistemas de Coordenadas UTM Sirgas 2000. Elaborado por Luísa Nonato

² Duas categorias são geralmente usadas para identificar o Aglomerado da Serra – favela e aglomerado subnormal – uma, bastante popular no imaginário social e outra utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde o Censo Demográfico de 1991.

³ Segundo o Censo de 2010, Belo Horizonte tem 13% da população vivendo em aglomerados subnormais. Em termos absolutos, a capital mineira, com uma população de 307.038 habitantes nessas áreas, é a 7ª do país, atrás do Rio de Janeiro (1.393.314), São Paulo (1.280.400), Salvador (882.204), Belém (758.524), Fortaleza (396.370) e Recife (349.920).

No imaginário social, há na cidade de Belo Horizonte duas “Serras” - o bairro e o Aglomerado. Concepções que têm relação não apenas com as configurações urbanas, como é possível alcançar no mapa da figura 2, mas sobretudo com as representações sobre os territórios. Era fundamental interrogar sobre esses limites (simbólicos e/ou físicos) dos territórios na(s) Serra(s). O limite cria separação, mas também comunicação. Michel de Certeau (1994) aponta sobre o paradoxo da fronteira: “criados por contatos, os pontos de diferenciação entre dois corpos são também pontos comuns. A junção e a disjunção são aí indissociáveis” (1994, p. 213). Para o autor, os limites que delimitam fronteiras são traçados pelos pontos de encontro entre apropriações e deslocamentos, procedendo de um “trabalho de distinção a partir de encontros” (CERTEAU, 1994, p.213).

Problematizar as fronteiras entre centros e periferias no espaço das cidades remete-nos a um vasto campo de estudos sobre o fenômeno urbano, já consolidado no Brasil. Lícia Valladares (2005), em seu livro com o sugestivo título “A invenção da favela: do mito de origem à favela.com”, expõe as origens e os processos de consolidação de imaginários sobre a favela. A autora percorre histórica e socialmente os sentidos do termo, revelando a sua solidificação como categoria analítica nas ciências sociais. Valladares (2005) apresenta um mito fundador ou mito de origem, datado no final do século XIX, quando, no Rio de Janeiro, combatentes de Canudos teriam ocupado o Morro da Providência – que mais tarde foi nomeado Morro da Favella. Contudo, a nomeação favela, que anteriormente identificava tal morro, tomou um sentido generalizante para identificar outras localidades no Rio de Janeiro de semelhante constituição topográfica, até ganhar outros significados semânticos, generalizando-se numa categoria de senso comum. Tal representação estava associada à ocupação ilegal e à precariedade das moradias, contribuindo para estabelecer uma oposição com o restante da cidade. Esse primeiro dogma que estabelece uma especificidade da favela é reforçado pelas categorias do recenseamento do IBGE, que cristalizam as diferenças entre cidade legal e ilegal. O aglomerado subnormal provoca uma oposição aos setores normais que constituem a cidade formal. (VALLADARES, 2005, p. 150).

Essas são dualidades muito recorrentes e que acabaram (re)produzindo o “dogma” de que a favela é distinta da cidade. Constituem-se assim oposições incorporadas na linguagem acadêmica e cotidiana: cidade *versus* favela, centro *versus* periferia. Nomeações que se pautam pela questão das ilegalidades e irregularidades urbanas que configuram a participação das camadas pobres da população no espaço urbano. Há um risco em deixar escapar a complexidade das relações entre sujeitos e territórios quando traçamos limites rígidos entre diferentes formas de produção e apropriação da cidade. Se, por um lado, a polarização dessas categorias nos ajuda a registrar as diferenças e desigualdades territoriais, por outro, reforça discursos midiáticos e representações do senso comum, avigorando imagens homogeneizantes e estereotipadas sobre as periferias urbanas, como “territórios do avesso” (ROSA, 2008, p. 28).

Contudo, além de questionar minhas próprias noções sobre os territórios e suas fronteiras, era preciso alcançar e compreender como se construía esse jogo de imagens e narrativas sobre a Serra, entre os/as jovens e no universo online. A foto que abre este texto explicita não apenas as relações de distanciamento dos não moradores/as com as vivências no Aglomerado, mas, ainda, as enunciações negativas sobre o lugar.

As reflexões acerca das vivências juvenis com os territórios em contextos on e offline trazem uma série de problematizações. Afinal, o universo online “reflete” as diferentes construções das relações e dimensões simbólicas entre centro(s) e periferia(s)? Tais polaridades aparecem no universo digital? Em que medida há no ambiente digital distinções e limites entre o que é central e periférico? A internet se configura como espaço invisível de territorialidades onde há apagamento de distâncias geográficas e ou sociais? Onde está a periferia na rede? É possível pensar na ideia de uma periferia na internet ou periferia da internet? Como categorias usuais da geografia e da sociologia urbana podem dialogar com a constituição do universo online? E, por fim, essa dupla dimensão da vida juvenil – web e morro – se entrecruzam como experiências de socialização?

De imediato, pode-se afirmar que, numa ligeira exploração na internet, é possível alcançar experiências no ciberespaço modeladas por questões das vivências nas cidades, suas cartografias e mapas, bem como as variadas desigualdades urbanas. Para algumas pessoas é comum pesquisar, antecipadamente, o percurso para chegar a um lugar a ser visitado ou, ainda, experimentar uma “visita” digital por meio das imagens fornecidas pelo Google Street View⁴. Outras práticas dizem respeito às marcações digitais de lugares, a realização de check-in e compartilhamento de localização com outras pessoas, via redes sociais digitais. Como em um jogo de espelhos, perambular, ora pelas plataformas digitais, ora pelas ruas, pode revelar encontros e dissonâncias entre a cidade vivida e representada em contextos on e off-line, constatação que reforça possibilidades de pesquisa sobre as intercessões entre vida urbana e digital. Trafegar pelo ciberespaço pode provocar uma leitura da vida urbana. E daí emergem questões que trazem novos desafios aos estudos geográficos e da sociologia urbana, entre eles compreender o urbano, esse conjunto de forças em movimento (LEFEBVRE, 2004) nas cibercidades contemporâneas (LEMOS, 2004).

Do ponto de vista juvenil - interfaces do Aglomerado na web

Tomei o ciberespaço como ambiente propício para o alcance de processos de socialização e individualização contemporâneos e de busca por enunciações sobre a Serra. Inventos e expressividades juvenis balizam a vida online. Uma geografia das identidades (MARTÍN-BARBERO, 2004) foi revelada por experiências e relatos dos/as jovens numa variedade de dispositivos online. A produção e apropriação do espaço urbano, os questionamentos sobre fronteiras, estereótipos e vivências no Aglomerado são habitualmente expostos.

⁴ Ferramenta do Google Maps que oferece imagens panorâmicas de uma grande variedade de lugares do mundo.

Diante de duas maneiras de compreender as culturas juvenis, – por meio das socializações que as prescrevem ou das performances cotidianas – (PAIS, 2006) percebia os ambientes da internet como espaços lisos, lugares pouco prescritivos, ambientes de múltiplos enunciados, produções e emissões. Assim como variados espaços territoriais são reinventados pelos/as jovens na cidade, pode-se conceber que a internet e suas inúmeras possibilidades de reconfiguração nos levam a estabelecer outras formas de sociabilidade, um espaço liso de expressividades juvenis que se abre “ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de patchwork: de novas sensibilidades e realidades.” (PAIS, 2006, p. 7). Ali, os/as jovens tornavam visível para mim (leitora-pesquisadora) esse “movimento do social” (LATOURET, 2012, p. 31). Vi no ciberespaço a oportunidade de perceber uma “condição social” - a vida em uma periferia – como

algo que circula e não um mundo do além a ser descoberto pelo olhar desinteressado de um cientista ultralúcido, então cumpre transmiti-lo por meio de uma série de recursos adaptados à tarefa – inclusive textos, reportagens, relatos e circulares. Se o social é um traço, então pode ser retraçado, se é uma reunião, então pode ser reunido. (LATOURET, 2012, p. 187 – grifos do autor).

Conectada à rede, me via desafiada a navegar por territórios sobrepostos, lugares físicos e realidades virtuais. Não os considero como realidades paralelas, mas, realidades que coabitam a geografia da cidade e as vidas juvenis. É improvável compreender as experiências dos/as jovens sem alcançar seus passos online. As experiências digitais não estão à deriva da cidade. As vivências urbanas não escapam das postagens nas redes sociais digitais. Os circuitos dos/as jovens se imbricam e se articulam em apropriações e circulação na web e nas ruas. Há um duplo desafio, investigar o espaço nas dimensões on e off-line e concebê-lo em sua dimensão prática e teórica (AGIER, 2011).

Mesmo tendo experimentado outras maneiras de encontrar jovens interlocutores/as, avalio que não houve maneira mais pertinente de (re)conhecer sujeitos para a pesquisa do que pela própria internet. Partilho da aceção de Michel Agier de que “para compreender antropologicamente a cidade é preciso esquecer a cidade. (...) conhecer as cidades a partir dos cidadãos e de sua experiência cotidiana, de seus lugares de vida e situações concretas” (2011, p. 19). O início do estabelecimento de muitas relações foi concretizado pelo contato online via Facebook e algumas relações se deram exclusivamente nesse âmbito.

De tal modo, se há uma maior exposição de vivências dos/as jovens nessa rede digital é porque essa era a plataforma mais utilizada por eles/as no momento da pesquisa. Ali encontrei grupos de discussão como Moro no Aglomerado da Serra e Amigos do Planeta Aglomerado da Serra e a fanpage Sou Aglomerado da Serra. Pedi para ser adicionada aos grupos e curti a página para acompanhá-los. Os grupos e a página funcionavam como espaço de divulgação de diversas atividades, de debate sobre

assuntos variados e de encontro virtual dos/as moradores/as. Segui os rastros (LATOURE, 2012) de alguns/as jovens na internet, no Facebook, sobretudo.

Muito além dos confins – os limites da cidade na rede

Ao buscar pelo termo “Aglomerado da Serra” no Google⁵ os principais resultados que me apareciam eram notícias de portais online de jornais de grande circulação sobre situações de violência nas vilas e favelas que compõem a Serra. Localizei Sílvio justamente em função de uma postagem no Facebook, bastante curtida e compartilhada, em que ele expressava a verificação e a repulsa pelas imagens negativas sobre a Serra tão recorrentes também na mídia digital. Em diálogo comigo, ele disse:

Aí de uma pesquisa que eu fiz da Serra, de curiosidade, eu descobri que você só encontra notícia de guerra, notícia de criminalidade, notícia de confronto policial, foram esse embates em tudo quanto é lugar. Aí eu peguei uma foto e escrevi uma carta aberta. Aquele texto lá. Falando da minha indignação e postei (...). Então tomei como rumo de fazer uma ocupação na Serra inteira, pra poder mudar essa visão que a mídia deixa da Serra. Porque lá tem muita, mais muita gente do eixo cultural daqui de Belo Horizonte, ou do lado de fora também né? Fora de BH tem muita gente. E eles não mostram esse tipo de coisa que tem lá dentro. Aí a minha intenção é mudar essa visão que as mídias deixaram do Aglomerado...
[Sílvio]

Nossa é tão triste fazer uma pesquisa no Google sobre "O AGLOMERADO SERRA" e encontrar só notícias em noticiários e páginas policiais 😞, também somos um povo de caráter e cultura, precisamos mudar está realidade e colocar nosso moradia no eixo cultural, já que temos pessoas e capacidade pra isso...
Precisamos urgentemente mudar a impressão que a 'mídia pra poucos' deixa sobre nosso aconchego...
Somos um povo de cultura e saberes e temos que mostrar isso pra sociedade.

(OCUPAÇÃO CULTURAL DO BAIRRO SERRA VAMOS BOTA A CARA E MUDAR ESSA REALIDADE JÁ) "

"A VERDADEIRA FACE SERRA JÁ"... — em *Aglomerado Da Serra*.

Figura 3: Postagem de Sílvio no Facebook

Fonte: Captura de tela pela autora

⁵ Google.com é, atualmente, o buscador online mais utilizado no Brasil.

A constatação motivou o jovem a construir uma página no Facebook “Sou Aglomerado da Serra” onde, constantemente, postava fotografias do Aglomerado, divulgava eventos, compartilhava informações. O próprio título da página evidenciava uma forte identidade individual com o lugar. Ou seja, quem se vincula à página se considera Aglomerado, o sujeito é o território, corpo/cidade.

Convém compreender essas narrativas digitais como possibilidade de enunciação da cidade, apropriação e resignificação do Aglomerado. As postagens expressavam imaginários e experiências que o território arrebatava. Analisando a variedade de imagens, montagens e textos da página via-se, com frequência, apontamentos sobre a segregação socioespacial e a conservação de imagens homogêneas da Serra como perigosa e/ou desordenada. A descrição da página explicitava que a Serra, “apesar de localizado na ‘zona-sul’ de BH e de ser considerado um bairro de classe média alta, é um lugar de grande contraste social”. Os limites e fronteiras entre o Aglomerado e a cidade estavam profundamente presentes nas narrativas juvenis, expressas nas entrevistas, conversas e postagens virtuais.

Porque o bairro Serra existe como bairro da zona Sul, mas com a fama é a favela. Eles perguntam primeiro da favela, pra depois perguntar do bairro. E a favela ficou com esse olhar de criminalidade e de estagnação social né. Acha que lá não tem desenvolvimento, que lá não tem nada. Só que é totalmente ao contrário. [Sílvia]

É... Tem violência sim. Como outros lugares têm. Então não vão frisar que só favela tem, sacou. Vão frisar que o mundo tem, sabe. E que, tipo assim, só aqui que tem a fama do olhar das pessoas pra favela, coisa que é muito preconceituosa, assim. [Cláudia]

Muitas enunciações digitais produzidas pelos/as jovens procuravam não apenas resistir a essa limitação, provocando também tais clivagens, como reforçavam os fortes laços entre moradores. As figurações de comunicação e sociabilidade na web, referenciadas no território, apontavam um contexto de estreitamento das sociabilidades, ou ao menos de reconhecimento que se operava no espaço territorial comum de vizinhança em função da internet. Assim, no contexto online, a própria categoria vizinhança precisava ser repensada, visto que entre moradores do Aglomerado da Serra, além do reconhecimento que pode se dar “por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro, os moradores/as se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 2000, p. 39). Os usuários se reconheciam pela vizinhança online, construída a partir de relações de proximidade em comunidades virtuais e de sentimentos comuns compartilhados, como ilustra a postagem abaixo.



Figura 4: Postagem de Cláudia exaltando a favela – Facebook
Fonte: Captura de tela pela autora

As vivências online também expressavam as possibilidades de discorrer sobre o território de moradia, explicitando os estigmas, as desigualdades, as violências frequentes, mas também solidariedade e afeição. É de Sílvio a montagem a seguir, em um formato muito comum nas redes sociais digitais de mostrar uma mesma questão sob diferentes pontos de vista. As relações entre as representações sobre o Aglomerado da Serra, construídas por quem está “dentro ou fora” evidenciavam também que as territorialidades da cidade reproduzem estruturas sociais atravessadas por clivagens de classe.



Figura 5: Postagem de Sílvio
Fonte: Captura de tela pela autora

A partir de múltiplas expressividades digitais, os/as jovens anunciavam a relação entre processos coletivos de vida na periferia e suas histórias singulares. Então, se, por um lado, os indicadores de pertencimento às classes sociais não dão mais conta de expressar as vivências de moradores das periferias urbanas, por outro, o Aglomerado da Serra, como espaço socializador, se articulava às experiências individuais dos/as jovens.

Desse ponto de vista, esses agenciamentos juvenis e a elasticidade da internet permitiam o alargamento das fronteiras, a exibição de múltiplas significações dadas ao morro, a confrontação de representações estancadas sobre as desigualdades urbanas, a partir de uma variedade de montagens, fotos, frases, postagens. As vivências juvenis na rede reterritorializavam o Aglomerado da Serra criando e potencializando redes de sociabilidade referenciadas nesse território físico e provocando processos de produção da favela na internet. Diversas postagens mostravam como o espaço e as práticas sociais locais eram explicitadas por meio das tecnologias de comunicação que movimentam maneiras de compreender, dar sentido e criar vivências no território.

As narrativas digitais juvenis estavam marcadas por leituras da realidade social tendo em vista as relações de desigualdade política, econômica e social na cidade. Problematizar o uso das noções periferia/favela/morro também no contexto digital possibilitou a apreensão de representações e vivências jovens do/no Aglomerado da Serra. Ao buscar modulações da temática periferia/centro na internet, a partir desses/as jovens, fica evidente como o ciberespaço é de fato territorializado e reterritorializado em referência a espaços específicos como o Aglomerado. Assim formavam-se redes ainda mais locais na dimensão online e unidas por um sentimento de pertencimento dos membros que ali se ligam. Por isso, mesmo uma rede ampla continua a ser local em todos os pontos (LATOURE, 2012). O exercício de acompanhar o debate travado em plataformas e redes virtuais revelou um mosaico de imagens afetuosas sobre esse território.

Cabe destacar como muitos trabalhos de pesquisa com grupos juvenis apresentam o espaço público como uma dimensão socializadora para jovens. Nas cidades e nas ruas se extrapolam as figurações das relações dadas exclusivamente no abrigo do parentesco e da família. Podemos apontar estudos das dinâmicas socioculturais das cidades, realizados pela Escola de Chicago, a partir dos anos 1920. Sem dúvidas, para os estudos da juventude, Sociedade de Esquina de W. Foote Whyte (2005[1943]) é referência na apresentação das figurações de grupos juvenis nos territórios. Os jovens imigrantes italianos em Corneville cresceram nas esquinas de um bairro periférico. O espaço era condição fundante e intrínseca das relações entre aqueles rapazes.

Também os estudos da sociologia da juventude no Brasil mostram como os/as jovens se apropriam das ruas, combinando encontros, circulando em grupos, conversando. Ao mesmo tempo, o espaço público é local de visibilidade, servindo como palco para que eventualmente apresentem suas produções artísticas. Boa parte da produção de jovens do Aglomerado na web remetia à dimensão das relações entre culturas juvenis e o território de moradia. Percebi como no universo online as dimensões simbólicas e expressivas das artes eram utilizadas como forma de comunicação e de

expressão juvenis. Um duplo palco se configurava – rua/web. Costumeiramente, o que era produzido no ou sobre o Aglomerado (vídeos, fotografias, danças, músicas) estava também veiculado nas plataformas e redes sociais digitais. A rua se estendia na rede através da variedade de expressões das culturas juvenis. Músicas e vídeos, danças nos becos, grafites e pichações pelas vielas, vozes que expressavam e alimentam um sentimento de pertencimento através de projeções midiáticas.

Considerações finais

Havia em comum na produção digital desses/as jovens do Aglomerado da Serra um tipo de narrativa com marcas afetivas, consolidadas na solidariedade entre a vizinhança, fortes relações de amizade e que reafirmavam um caráter admirável à região de moradia. O Aglomerado da Serra não era apenas uma referência espacial, ou espaço funcional de residência, mas categoria social e simbólica, principalmente.

Bruno Latour (2012) afirma que, com as tecnologias da informação, temos a chance de rastrear associações de um modo antes impensável. Assim, alcançar essas narrativas imagéticas da cidade não significa subverter “a velha sociedade “humana” concreta, transformando-nos em cyborgs formais ou “pós-humanos” fantasmagóricos; o motivo é exatamente o oposto: [as tecnologias da informação] tornam visível o que antes só existia virtualmente. (LATOURE, 2012, p. 299).

A pesquisa etnográfica online mostrou que, em boa medida, o espaço de fluxos (CASTELLS, 2004) só faz sentido quando constituído de um sentido local. Os sujeitos mostraram possibilidades de evidenciar práticas e símbolos que conectam seus espaços, circuitos e relações em uma rede ampliada da esfera pública cibernética. As produções juvenis estavam configuradas por um sentido comprometido pela localidade, foram partilhadas as memórias e vivências cotidianas sobre um espaço social comum. Criatividade e imaginação pareciam potencializadas na produção dos conteúdos sobre a cidade, tais emissões individuais revelavam esses/as jovens como produtores de informação.

O conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais parece facilitar a criação; vemos uma nova relação entre lugares e dispositivos eletrônicos (LEMONS, 2004). Assim, as mídias se constituem como locativas e fomentam processos de criação de territórios comunicacionais, espaços híbridos entre o ciberespaço e favela (espaço físico). Um novo e incipiente urbano vem se configurando pela rede a partir das invenções e apropriações digitais. Há expansão de práticas e discursos, além da visibilidade de experiências sobre outras vivências e estéticas ou “outra cidade”.

As práticas juvenis no/do Aglomerado no ciberespaço, apresentadas neste texto, abarcaram a evidência da Serra como fundamental e afetivo espaço de socialização juvenil. Como aponta Martín-Barbero (2008), assistimos a emergência de novas sensibilidades juvenis enredadas na cultura tecnológica. Tais relações entre esfera midiática e espaço urbano mostram como a “tecnologia, é hoje, uma das metáforas mais

potentes para compreender o tecido – redes e interfaces – de construção da subjetividade” (MARTÍNBARBERO, 2008, p. 20).

Levantar mapeamentos de declarações e manifestos dos territórios na web pode contribuir para a percepção de “maneiras de fazer” a cidade metafórica (CERTEAU, 1994). Observar tais postagens me conduziu a sobreposições de construções territorializadas no interior da internet (CASTELLS, 2004). Embora a ausência de limitações geográficas explícitas, o global na web não faz desaparecer referências da dimensão das vivências locais, podendo às vezes contribuir ainda mais para o reforço de interações locais. O Aglomerado foi (re)territorializado na web a partir desses sujeitos. Na elasticidade da internet a especificidade da periferia ganhava força com seus moradores como autores de sua imagem em afirmações identitárias autopublicadas.

Viver nesse território era uma prova de que os jovens indivíduos estavam encarregados em dar respostas para se construir enquanto sujeitos, principalmente em um contexto que constantemente os nomeava como “excluídos”, “carentes” ou em “situação de risco”. A noção de prova é inseparável de uma dimensão narrativa. Em outras palavras, para descrever os modos de respostas às provas é preciso relatar as histórias singulares (MARTUCCELLI, 2007). Assim, as experiências territoriais juvenis postadas nas redes sociais digitais explicitaram uma forte apropriação do “território usado”, humano e habitado (SANTOS, 2008) através de representações bastante afirmativas e positivadas sobre o espaço de moradia. Nessa maneira particular de construir resposta à prova de viver na periferia, o Aglomerado da Serra mostrou-se como suporte das constituições dos jovens como sujeitos.

Referências

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ARAÚJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. La individuación y el trabajo de los individuos. *Educación e Pesquisa*. São Paulo, v. 36, n. especial, p. 77-91, 2010.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: FCG, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA; Bauru: -EDUSC, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2004

- LEMOS, André. Cidade Ciborgue: a cidade na cibercultura. *Galáxia*. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura, n. 8, São Paulo: PUC-SP; Brasília: EDUC, out.2004
- MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.; TORRES, L.L. (Org.). *Na metrópole*. São Paulo: FAPESP, 2000, 12-53.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p. 09-32.
- MARTUCCELLI, Danilo. *Gramáticas del individuo*. Buenos Aires: Losada, 2007
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M; EUGENIO, F. (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-24.
- ROSA, Thaís. Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do Gonzaga de favela a bairro de periferia. 2008. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela*. Do mito de origem da favela.com. São Paulo: FGV Editora, 2006.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

Juliana Batista dos Reis

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestra (UFSCar) e graduada em Ciências Sociais (UFMG). Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG.

Faculdade de Educação. Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-901

E-mail: jubtr@yahoo.com.br

Orcid: 0000-0002-6477-5388

Recebido para publicação em julho de 2022.
Aprovado para publicação em novembro de 2022.